

A PRODUÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS A PARTIR DO TUPI ANTIGO: UM OLHAR PARA A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ranya de Sousa Santos ¹
Priscila Alves Pereira ²

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma proposta interdisciplinar dos componentes: História e Cultura dos Povos Indígenas e Processos de Alfabetização e Letramento no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia. Após a realização de estudos específicos em cada componente, foi definido o seguinte objetivo que fundamentará este trabalho: compreender as contribuições dos jogos didáticos envolvendo as habilidades da consciência fonológica e as palavras do Tupi antigo para o processo de alfabetização. Para tanto, utilizamos como base conceitual Santos (2019) e Porto (2020) que abordam acerca da influência e da presença do tronco Tupi na nossa língua atual, além de Morais (2012) e Soares (2020) que tratam da importância do desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição do sistema de escrita. Para a produção dos jogos didáticos, buscamos inspiração na Caixa de Jogos do Centro de Estudos em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco (2009). Deste modo, foi confeccionado o jogo “Construindo palavras” com o objetivo de refletir acerca dos sons que compõem as palavras, especialmente nomes de alimentos a partir do uso de palavras do Tupi antigo que fazem parte do nosso cotidiano. A metodologia utilizada para apresentação do percurso de estudo vivenciado será o relato de experiência, compreendido a partir da perspectiva de Mussi, Flores e Almeida (2021). Através da análise realizada, compreendeu-se que os jogos possuem potencial significativo para envolver as crianças no processo de aprendizagem, além de se mostrar um recurso motivador para outras abordagens didáticas. Além disso, percebeu-se que há pouco conhecimento acerca da influência do Tupi no nosso cotidiano, a começar pela experiência dos graduandos de Pedagogia, bem como foram identificados possíveis avanços inerentes ao trabalho com a consciência fonológica e a aquisição da língua escrita.

Palavras-chave: Consciência fonológica, Tupi, Sistema de escrita alfabética, Jogos didáticos.

INTRODUÇÃO

O trabalho realizado foi fruto da interdisciplinaridade ocasionada por dois componentes, ambos pertencentes ao currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sendo estes: Processos de Alfabetização e Letramento e História e Cultura dos Povos Indígenas. Além disso, para produção deste trabalho foram

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, ranyadesousa@gmail.com;

² Professora Orientadora: Mestra em Educação, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, papereira@uneb.br.

desenvolvidos estudos acerca dos processos de alfabetização, consciência fonológica e o tupi antigo.

A escolha desta temática se deu a partir das discussões realizadas em sala de aula, considerando as experiências vivenciadas pela turma durante os estágios e outros projetos em parceria com as escolas da educação básica que permitiu a observação de um índice significativo de alunos dos anos iniciais do Ensino fundamental que apresentavam dificuldades na leitura e na escrita. Houve também uma pesquisa acerca do analfabetismo no Brasil, que por sua vez, demonstrou ser um alto índice nas regiões Norte e Nordeste do país. Tal situação nos permitiu refletir acerca de como a negação de um direito, o direito à educação, vem se perpetuando ao longo da história brasileira e os impactos disso na condição de vida do cidadão. A partir desse cenário, foram realizados estudos que evidenciaram as contribuições da consciência fonológica e do uso de jogos no processo de ensino-aprendizagem para a aquisição do sistema de escrita alfabética com crianças em fase de alfabetização.

Este trabalho, realizado em sala de aula, teve como objetivo produzir jogos pedagógicos que promovessem a consciência fonológica a partir do uso de palavras do Tupi antigo que fazem parte do nosso cotidiano. Os jogos pedagógicos podem ser grandes aliados dos professores no processo de ensino-aprendizagem, bem como, no processo de aquisição da língua escrita. É importante salientar que a utilização dos mesmos requer um planejamento intencional, considerando estratégias de intervenção que contemple o nível de escrita de cada criança e, para tanto, são necessários objetivos bem definidos que colaborem para uma aprendizagem efetiva e significativa. Além disso, foi necessário conhecer a importância do desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição da língua escrita. Deste modo, segundo Moraes, deve-se oferecer às crianças, situações didáticas que permitam focalizar e segmentar palavras, além de refletir sobre os sons que as compõem. O autor ainda afirma que: “para avançar em relação a uma hipótese alfabética de escrita, os aprendizes precisam desenvolver certas habilidades metafonológicas” (MORAIS, 2012, p.72). Logo, entende-se que a consciência fonológica é uma das habilidades fundamentais para o estudante avançar quanto às hipóteses de escrita, com vista a alcançar o sistema de escrita alfabético.

Por outro viés, foi necessário também, dialogar sobre a lei 11.645/2008, que respalda a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Indígena e Afro-brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Diante disso, houve a proposta de promover uma melhor interdisciplinaridade em relação aos conteúdos abordados,

realizando estudos acerca dos vocábulos de origem indígena que fazem parte do português falado cotidianamente com vistas a utilizar tais vocábulos no processo de alfabetização e letramento de crianças. Nesse sentido, destacamos que Soares indica que letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno (SOARES, 2003).

Em síntese, foi confeccionado o jogo “Construindo palavras”, com objetivo de refletir acerca dos sons que compõem as palavras, tendo como campo semântico, nomes de alimentos a partir do uso de palavras Tupi antigo, presentes em nosso cotidiano. Esse jogo envolve 4 habilidades da consciência fonológica, propondo aos alunos (jogadores), a percepção de um repertório de palavras com mesmo campo semântico, que se iniciam com a mesma sílaba e mesma sonoridade, proporciona a percepção de palavras que terminam com sons parecidos (rimam) e possibilita a comparação das palavras por meio da quantidade de sílabas. A metodologia utilizada para a construção deste trabalho foi o relato de experiência Mussi, Flores e Almeida (2021) e a produção e análise do jogo será fundamentada em Morais (2012) e Soares (2020) que tratam da importância do desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição do sistema de escrita, além de Bastos (2023) e Fragata (2018) que abordam sobre a influência do Tupi no uso cotidiano da língua portuguesa. Através da análise realizada, notou-se que há pouco conhecimento acerca da influência do Tupi no nosso cotidiano. Além disso percebeu-se a importância que o jogo durante o processo de alfabetização, visto que esses dispositivos apresentam potencial significativo para envolver as crianças no processo de ensino aprendizagem, tornando assim, um recurso motivador para outras abordagens didáticas.

METODOLOGIA

Neste trabalho, nos propusemos a relatar nossa experiência com o planejamento e produção de um jogo pedagógico envolvendo palavras de origem Tupi, utilizadas no contexto do português brasileiro. De acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 64), o relato de experiência “em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)”. Nesse sentido, buscaremos detalhar as etapas vivenciadas durante o processo de planejamento e produção do jogo, bem como

destacar as habilidades da consciência fonológica que trabalhadas a partir da potencialidade do recurso confeccionado. Em um momento posterior, almejamos realizar a vivência desse jogo com crianças indígenas, ou não, que estejam em processo de alfabetização.

O trabalho referido teve como primeiro momento a realização de estudo feito em sala de aula sobre o Sistema de Escrita Alfabética, no componente curricular Processo de Alfabetização e Letramento, ministrado pela docente Priscila Alves Pereira. Em primeira instância, houve uma discussão acerca do índice de analfabetismo e as consequências disso no processo de letramento, bem como seus desdobramentos e impacto quanto a ampliação da desigualdade social. Em seguida, foram realizados estudos com base em Morais (2012) para conhecer a importância do desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição da escrita. Por conseguinte, houveram estudos na disciplina de História e Cultura dos Povos Indígenas, sobre a lei 11.645/2008, que respalda a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Indígena e Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. A fim de relacionar essa temática debatida em aula com os processos de alfabetização e promover uma melhor interdisciplinaridade nos estudos abordados, realizou-se um estudo sobre os vocábulos de origem indígena que fazem parte do português falado atualmente. É preciso enfatizar que com a interdisciplinaridade das disciplinas citadas acima, foi possível fazer um elo para o desenvolvimento do material didático-pedagógico, motivo deste trabalho. Dessa forma, no componente de Processo de Alfabetização e Letramento, como base, vivenciou-se o uso dos jogos fonológicos, como: a Batalha de palavras, Jogos de Rimas, Palavra dentro de Palavra, entre outros. Tais jogos são oriundos de um material didático produzido pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da Universidade Federal de Pernambuco. Em seguida, houve a proposta para escolher um campo semântico com palavras de origem indígena, pelo qual originar-se-ia este trabalho. Por sua vez, a proposta de jogo que serviu como inspiração, foi o da construção de palavras, com a temática: palavras indígenas que nomeiam alimentos, especificamente do Tupi. Sendo assim, primeiro foi necessário mapear os objetivos, funcionalidades do jogo e o público destinado. Por conseguinte, houve a escolha das palavras que seriam utilizadas no jogo. Logo após, foram criadas as fichas, cada ficha contém uma letra e no seu conjunto, cria-se a palavra. Em seguida, foram escolhidas as imagens para compor as fichas ilustrativas, com fotos dos alimentos, optando pelo uso da imagem real e não um desenho representativo. Sendo assim, todas elas foram impressas e colocadas em uma caixa para

armazenamento. Além disso, o jogo conta com um dado. O jogo didático teve os seguintes objetivos: identificar palavras de origem tupi e compreender que as palavras são formadas por sílabas diferentes, tendo em vista, que a comparação de palavras no processo de alfabetização é um processo importante para o(a) aprendiz. Portanto, elegeu-se para a construção do material pedagógico o jogo “Construindo Palavras”, com 12 fichas de alimentos, sendo as palavras eleitas: Baiacu; Beiju; Macaxeira; Mingau; Moqueca; Pamonha; Pipoca; Pirão; Palmito; Cará; Pimenta; Cupuaçu, além de um dado numérico e as fichas com as letras. Para jogá-lo, deve ser formado dois grupos, cada grupo terá que jogar o dado, quem tirar a maior pontuação inicia a brincadeira. O mediador (Professor) colocará as fichas com as ilustrações dos alimentos expostas para que todos vejam. Os jogadores observarão e tentarão formar o nome do alimento, através dos comandos dados pelo mediador, se atentando a imagem do alimento e os sons que compõe a palavra. Caso não monte a palavra correta, o grupo passa a vez para o oponente que tentará desvendar a palavra. O jogo segue assim, até que as fichas acabem e o grupo com maior número de palavras montadas vence.

REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente, a alfabetização no Brasil ainda se encontra em estado que inspira atenção por parte dos envolvidos no processo educacional. Porém, é evidente que ao longo da história da educação brasileira, marcada por métodos de alfabetização fundamentados no treino, repetição e memorização, podemos considerar que a partir da década de 90 há um avanço significativo em relação ao que consideramos alfabetização. Trata-se dos estudos do letramento vinculados ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita, uma união que foi chamada, carinhosamente, pela pesquisadora e professora Magda Soares de “alfaletrar”. A alfabetização e o letramento consideram a utilização da leitura e escrita a partir das práticas sociais nos diferentes contextos em que a linguagem se faz presente.

A alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento: este, por sua vez, só pode se desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem da relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, P.14, grifos da autora).

Através deste pensamento, observa-se que esses processos tem fundamental relevância na vida do indivíduo. Não basta apenas ser alfabetizado, é importante que o indivíduo

seja também letrado, pois desta forma, a pessoa conseguirá fazer uso da língua por meio das suas práticas sociais em suas diferentes interações.

Esses estudos suscitaram a importância de disponibilizar recursos e pensar em um ambiente propício para favorecer a alfabetização e o letramento do indivíduo. De acordo com Teberosky (2006), em uma entrevista para a Revista Escola, o ambiente alfabetizador “passa a ser especificamente considerado como aquele em que a cultura escrita, mediadora de toda prática de alfabetização, precisa ser reconhecida, problematizada, ou mesmo construída pelos participantes do contexto escolar”. Emília Ferreiro (1999, p. 35) complementa esse pensamento dizendo que “uma sala organizada favorece para aquisição de conhecimento, desenvolvendo a participação das crianças em práticas de leitura e escrita, momento do letramento que se configura em ambiente alfabetizador”. Deste modo, é notório que o ambiente e as propostas de intervenções são elos de grande relevância neste processo.

Considerando o ambiente alfabetizador, destacamos que a presença de elementos lúdicos em momentos previstos na organização do trabalho pedagógico pode contribuir positivamente para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Nesse sentido, defendemos que com uso de jogos, o indivíduo consegue estabelecer significados do mundo que o cerca, além de ser um recurso pedagógico em potencial.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (RCNE, 1988, p.22).

Sendo assim, os jogos se tornam um elo muito importante no desenvolvimento da criança, tendo em vista que eles vão surgindo em suas vidas de forma gradual, fazendo com que sejam elementos que proporcionam experiências, possibilitando a formação da sua própria identidade. Segundo Piaget (1975), a prática lúdica auxilia no desenvolvimento das capacidades cognitivas e valoriza o desenvolvimento infantil, pois as atividades lúdicas proporcionam o imaginário, a aquisição de regras e a apropriação do conhecimento.

Durante as primeiras décadas de ocupação portuguesa no Brasil, o Tupi antigo foi a principal língua de comunicação entre os indígenas e os europeus. Porém, posteriormente, o primeiro ministro português, Marquês de Pombal, decidiu proibir o ensino e uso a língua tupi, oficializando assim, o português no Brasil. Apesar disso, a língua continuou viva

por meio de palavras faladas no país. Ainda que nos dias atuais venham sendo discutidas questões acerca da influência da cultura indígena no nosso país, as línguas indígenas são tratadas pela política nacional de educação indígena como se fossem línguas estrangeiras, para os próprios falantes dessa língua, assumindo desta forma, um papel tal qual, o ensino de inglês, nas escolas públicas. Graciela Chamorro, estudante do Guarani e suas variantes, defende que:

A mentalidade colonial e a ideologia da unidade nacional nos impuseram uma religião, uma cultura e uma língua. E nós interiorizamos acriticamente aspectos não muito exemplares do mundo ocidental e aprendemos a desprezar ou menosprezar os valores das tradições locais e regionais. Neste contexto, as línguas indígenas e cosmológicas indígenas, se não desapareceram fisicamente, sobreviveram e se desenvolveram como “clandestinas” ou “desaparecidas” a sombra de línguas e cosmologias supostamente universais. (CHAMORRO, 2007, p.7).

Diante da história de colonização do nosso país, será que falamos somente a língua portuguesa? Em nosso cotidiano utilizamos muitas palavras derivadas do Tupi, palavras estas, que estão implantadas em nosso vocábulo e não nos damos conta da sua origem. Segundo Fragata (2018), “você já falava Tupi e não percebia, mesmo falando todo dia”. É importante salientar que defronte a nossa cultura miscigenada, da realidade enfrentada pelos nossos antepassados e que ainda hoje enfrentam lutas para garantir seus direitos, é importante conhecer a nossa história e resgatar esses aspectos para fortalecer o entendimento, para sabermos que carregamos até os dias atuais elementos dos povos indígenas dando a importância devida a esse fator. Deste modo, é importante termos consciência de que a língua tupi é uma parte formadora da identidade linguística e cultural brasileira. Hall (2006, p. 51) diz que: “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”.

O maior interesse no desenvolvimento deste trabalho, foi a proposta da criação de recurso didático que pudesse auxiliar o processo de alfabetização de forma lúdica e como um elo para apropriação do sistema de escrita. Além de propor reflexão acerca das construções de cada palavra elencada ao jogo e o conhecimento das palavras Tupi, existentes em nosso vocabulário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da experiência vivenciada com a produção do jogo “Construção de palavras”, percebemos que tal recurso pode contribuir com a aquisição de, ao menos, 4 habilidades

da consciência fonológica, fundamentais no processo de apropriação do sistema de escrita.

O primeiro aspecto se refere à habilidade “Identificar palavras que começam com a mesma sílaba”, com o jogo, é possível que o orientador aproveite para explorar as palavras que se iniciam com a mesma sílaba, de modo que, com um determinado alimento, os alunos procurem em meio as fichas visuais algum outro alimento que se inicie com a mesma sílaba. Além disso, elenca a habilidade “Identificar palavras que compartilham não apenas a mesma sílaba inicial, mas o mesmo fonema” seguindo a proposta da habilidade anterior, é possível solicitar aos jogadores palavras que não apenas inicie com a mesma sílaba inicial, mas que também possua o mesmo fonema, como por exemplo: Pimenta e Pipoca. O terceiro aspecto envolve a habilidade “Identificar palavras que terminam com som parecido (rimam)”, nesse ponto, é possível que o orientador escolha um determinado alimento e solicite aos jogadores encontrar um outro alimento, entre as fichas, que termine com o som parecido, como é o caso de: baiacu, beiju e cupuaçu. Além disso, ao final do jogo, o mediador pode utilizar-se da habilidade “Comparar palavras quanto ao número de sílabas”, possibilitando aos jogadores uma revisão das palavras construídas, separando-as de acordo com a quantidade de sílabas pertencentes e fazendo as devidas comparações.

O jogo propõe que os alunos tenham a percepção de um repertório de palavras de mesmo campo semântico, apresentando palavras utilizadas em nosso cotidiano, mas que carregam em si a origem Tupi, possibilitando, também, que os alunos façam relação com outras palavras da nossa língua. De acordo com Moraes, devemos oferecer às crianças situações didáticas que permitam focalizar e segmentar palavras, além de refletir sobre os sons que as compõem. Segundo o autor, “para avançar em relação a uma hipótese alfabética de escrita, os aprendizes precisam desenvolver certas habilidades metafonológicas” (2012, p. 72). Logo, a consciência fonológica é uma das habilidades fundamentais para o educando avançar quanto às hipóteses de escrita, com vistas a alcançar o nível alfabético. Este jogo foi pensado na possível garantia de reflexão acerca da forma como outras palavras são construídas. Essas relações que são estabelecidas em sala, mediadas pelo professor, favorecem o trabalho com a consciência fonológica e auxiliam os estudantes a se apropriarem do sistema de escrita alfabética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial do trabalho era objetivo produzir jogos pedagógicos que promovessem a consciência fonológica a partir do uso de palavras do Tupi antigo que fazem parte do nosso cotidiano. Para tanto, nos fundamentamos em relação ao uso do jogo e, conseqüentemente, do aspecto lúdico como um recurso potencial no processo de ensino-aprendizagem. Isso foi necessário porque, muitas das vezes, os jogos são vistos pelos professores sem finalidade pedagógica, apenas como um momento de diversão e, por este motivo, são utilizados por diversas vezes, de forma equivocada para preencher tempo livre ou como forma de recompensa ou punição. Porém, é importante lembrar que os jogos são ferramentas que podem causar nas crianças diferentes emoções, sentimentos, comportamentos e aprendizagem. Além disso, seu uso intencional pode contribuir para a estimulação de novos conhecimentos direcionados a diversas áreas. Por isso, defendemos a importância da utilização deste recurso durante o processo de alfabetização com vistas a apropriação do sistema de escrita alfabético.

Por fim, considera-se que o desdobramento do trabalho foi benéfico para a formação enquanto futura docente, uma vez que permitiu produzir material didático que pode ser utilizado no processo de alfabetização. Além disso, oportunizou-se conhecer palavras do tronco linguístico indígena falado no nosso cotidiano. Por sua vez, destaca-se que não houve tempo para experimentar a vivência dos jogos com algum grupo indígena ou com os estudantes da escola regular. Em tempo oportuno, deseja-se vivenciar essa proposta especialmente com crianças oriundas dos povos indígenas e em processo de alfabetização. A partir desta experiência, considera-se que o trabalho com jogos didáticos dinamiza o processo de aprendizagem da escrita e favorece a aquisição de habilidades da consciência fonológica.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Jamille. De pipoca a jaguar: ‘O brasileiro fala tupi o dia inteiro sem saber’. BBC News Brasil. 09/02/2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cled24nyzq1o>. Acesso em 08 de março de 2023.

BENEDITO, Mouzar; OHI, José Luiz Nogueira. Paca, Tatu, Cutia! Glossário ilustrado de Tupi. 1. Ed. [Ilustrações de Ohi]. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2014.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. __Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAMORRO, Graciela. Língua, Identidade e Universidade: pistas para a experiência intercultural a partir do conceito guarani da palavra. In. *Tellus*, ano 7, n. 13, Campo Grande: UCDB, p. 37-40, 2007.

CONTELLI, Frederico Mário. Minidicionário Tupy-Guarany Português. Salvador: W/Bahia Comunicação/ Gráfica Êxito, 2004.

FERREIRO, Emilia. *Com Todas as Letras*. São Paulo: Cortez, 1999. V.2.

FRAGATA, Claudio. *O tupi que você fala*. [Ilustração: Maurício Negro]. São Paulo: Globo Livros, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*/Stuart Hall; tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORAIS, Artur Gomes. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

TEBEROSKY, A.- Entrevista: Ambiente Alfabetizador do Professor. Disponível em: <http://ambientealfabetizadorprofessor.blogspot.com>